

PQ

9697

S739

V9++

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

19
177
5739
V9++

OS VOLUNTARIOS DA MORTE

CANTO EPICO

DO EXM. SR. DEPUTADO GERAL

DR. PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA.

Offerecido aos assignantes da *Semana Illustrada* pelos

EDITORES.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

: 1864.

PA
9697
5709
V9++

210/245
CS



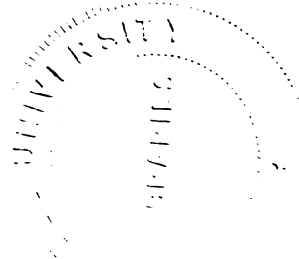
MUNDO inteiro ouviu aquelle grito!....
E o mundo inteiro levantou-se em ancias....
D'onde vem o clamor? Quem soffre tanto?
Quem é que morre?.... E arquejante, livido
A estremecer na febre, convulsivo,
Mede co'a vista os horisontes largos!

Era pallido o céo — os oceanos
Beijando as terras murmuravão tristes!

**Pelo dorso das grandes serranias
Passava a brisa em sonho á espreguiçar-se....
Tudo tão calmo!.... Mas o grito! o grito!
Se erguera immenso! Um som rouco, sinistro!
Arrancado talvez, entre torturas,
Das cavernas de um peito de gigante
Torvo, tremendo no espumar da colera!**

**E o mundo inteiro ouviu aquelle grito!....
Um só! Mas um poema de desgraças....
Era um adeus profundo, entre soluços!
Era um protesto ao céo arremessado!
Blasphemia horrivel que se cospe á vida,
Ameaça tremenda — um som de guerra;
Um clangor estridente como aquelle
Que ha de ouvir-se no ultimo juizo
Da tuba enorme á convocar espectros.**

Supplemento da Semana Illustrada.



Ao mesmo tempo ali, na voz do martyr,
Havia não sei que sereno, placido
Lembrando a triste saudação que á Cesar
Tranquillo dirigia o combatente
Ao penetrar na arena — onde da Hyrcania
O tigre hirsuto escancarava as fauces.
Era um suspiro de colosso oppresso!
Um grito só! Resfolegar supremo
De sanhudo titan se debatendo
Sob a montanha — que á entestar co'as nuvens
Abalada ao fuzil do raio olympico
Com terrivel troar tombou no valle!
Esse brado feroz era uma historia
Em que se ouvia o riso da loucura
Ao passo que chiava o ferro em braza....
Um grito só, porém, um testamento!
Testamento de heróe que estrebuchando
Vendo as estrellas, diz adeos á patria;
Homenagem á todos que solução;
Hymno entoado á santa liberdade;
E appello a escarnecer lançado á historia!...
O que havia, porém, de mais distincto
N'aquella nota de agonia excelsa:
Era um reclamo ao céu!... Aquelle grito
De uma alma sobrehumana, angustiada,
Fôra aos astros — rasgára os firmamentos
E á retinir perdido, nos espaços,
Fôra dentro do céu bradar por Deos!

II.

E o mundo quiz saber quem sobre a terra
Erguia aquella voz... que caso estranho
Vinha cheio de lugubres terrores
Turbar-lhe o riso... que soberba victima,
Na inspiração de uma agonia heroica,
A' Deos pedia o gladio flammejante
Do terrivel archanjo das batalhas,
Para atirar — talvez — o golpe extremo
E no sangue do algoz morrer cantando!



E vio então além por entre as brumas
Do norte — á figurar grandes sudarios —
Um povo inteiro — pallido, sombrio
Trajando as vestes funeraes da campa....

Era sinistro aquillo! Ia passar-se
Um cataclysmo ali — d'esses que abalão
Da terra o globo, que tranquillo volve
Nos páramos azues da immensidade....
Esse oceano gigantesco e negro
Ondulava espumoso, e rebramia
Incendido talvez por mil cratéras,
Que do leito de pedra arrebentando
Dentro em seu seio vomitavão chammas.
Fôra o grito o annuncio da procella
Que ia rasgar-lhe as tepidas entranhas!
Fôra o grito — rebate clamoroso —
Ao festim da metralha convidando
Da grande morte os grandes voluntarios,
Da liberdade os Briareus tremendos!

III.

Sois vós? Sois vós? Que raça de demonios!...
Oh! calae-vos — malditos! Um suspiro,
Um gemido aos transes da agonia....
Uma palavra murmurada á sombra....
Uma syllaba á noite sussurrante....
Póde acordar o barbaro carrasco
Que, repleto de sangue, além ressomna
Junto da lança! A victima é uma estatua!
Não sabeis que o tinir das gargalheiras,
Quando as sacodem pulsos destemidos,
E' uma musica horrivel que atordóa,
Que embriaga as cabeças sanguinarias,
Que desafia a lámína aguçada
Do punhal dos infames! Oh! calae-vos....
Não atireis assim aos quatro ventos
A imprecação feroz: — ha sobre a terra
Faces cavadas pela dôr suprema,

Nas quaes não póde resvalar tranquilla
De saudade uma lagrima, em silencio. . . .
Ha fronteas altas, pelo sol banhadas,
Resplendentes da auréola divina
Mas cercadas de espinhos — gottejantes
De sangue e de suor : é crime erguel-as !
Onde vistes romper a catacumba
O braço descarnado do cadaver ?
Mortos não fallão ! Vós morrestes todos !
Vós morrestes — em pleno meio dia
Em face do porvir ! . . . Silencio, agora !

IV

Nada os abala. São tranquillos todos
E olhão para o céo. Pesadas nuvens
Rolão negras. Fatidico relampago
Fendendo a noite no seu véo cerrado
Brilha, corre, voltêa em giro doido.
Dir-se-hia — que o dedo do destino
Grava, na escuridão, sobre essas fronteas
Palavras cabalisticas de morte,
Tremendas e agoureiras prophecias. . . .
Não importa ! Ouviria Deos o grito ?
Ouviria ? . . . Não sei ! Mas nas planuras,
Nesses steppes tristes e medonhos
Que se embrenhão, nas tævas, infinitos —
Branços de gélo e negros de carrascos,
Furacão de abafado desespero
O grito retumbou. . . . longe e bem longe. . . .

V.

Que choque foi aquelle ? O céo toldado
De nuvens de fumaça ! O ronco surdo
Dos canhões a cantar na grande orchestra
Da sinistra hecatombe ! Uma floresta
De foices á segar montões de gente
Com zunido feroz, — e derramando
Chuvas de sangue sobre o chão revoltó !

Fendendo os ares, lanças fumegantes
Brandidas por demonios ! Cantos doidos !
Estridentes, homericas risadas
Como as de um ente humano que estrangulão !
Massas enormes á ullular de raiva !
Um soturno tropel . . . Ginetes féros
A's lufadas do norte, relinchando,
A' correr sobre um chão crivado todo
De valentes heróes mordendo a poeira !
Mulheres semi-núas, arrastadas
Se estorcendo ao vibrar de ferreo açoite !
Craneos vôando ! Creancinhas louras
Rasgadas pelos pulsos do carrasco !
Um tombar de palacios e choupanas !
Um tremendo arrazar de mil cidades !
Correria de archotes crepitantes !
Labaredas immensas se alastrando !
Linguas de fogo que lambendo a terra
Vão no alto do céu — tingir as nuvens
De sinistros clarões . . . Que scena aquella !

VI.

Quando lá do Oriente magestoso,
O sol brilhante se elevou sorrindo,
Com seus raios dourados espancando
As sombras dessa noite — e quando as flores
A's brisas da manhã se balançarão . . .
O mundo palpitou . . . e vio no campo
Da batalha que, longo, retumbara,
Uma nuvem de fetidos cossacos
A cavallo — em selvagem vozeria,
Rompendo as ondas e nadando ovantes
N'um mar de sangue que cobria a terra.

O que fez elle então ? Oh ! miseravel
Não me animo a dizê-lo . . . Tenho medo
Dessa figura colossal e fria
Que se destaca pensativa ao longe
Nas nevoas do porvir . . . Oh ! tenho medo
Da sentença da historia ! Desse látego
Que açoita as gerações apodrecidas,

No lodo vil dos sentimentos impios!
Ha labios sacrosantos que excommungão
Cobardes e assassinos....

Oh! cobarde!
Cobarde é o meu silencio! O mundo inteiro
Em face desse sangue, ardente ainda,
De pasmo estremeceu — sorriu-se alegre,
E disse radiante: “ Bravo! Bravo!
“ Eis a Polonia ainda no patibulo!... ”
E a terra toda retumbou de *bravos*.

VII.

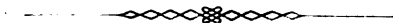
Pois bem! Pois bem! Emquanto envilecidas
As nações, comó Nero — aquelle infame
Que do alto da torre, a lyra em punho,
Cantava alegre ao vêr a sua Roma
Refervendo na immensa labareda —
Emquanto essas nações applaudem rindo
O sombrio assassinio desse povo,
Que renasce do sangue e das ruinas,
E sempre á sacudir nos ares negros
O seu negro estandarte — qual mortalha
Destinada ao cadaver grandioso
Do deus da liberdade; — emquanto todos
Mirão tranquilllos a moderna Sparta,
Onde as mãis os filhinhos adormecem
Entoando as canções de seus maiores,
Canções de guerra que respirão polvora;
Emquanto a raça dos heróes sanhudos,
A tribu dos leões de juba ardente;
Faz descorar os mythos do passado
As façanhas incriveis, portentosas,
Dos guerreiros de Ossian e de Homero;
Ao tempo em que mimosos diplomatas
Em divans de vellúdo reclinados,
De um protocollo infame estudão syllabas
E pezão virgulas em balanças d'oiro....
Emquanto tudo ri.... o bardo chóra.

O' Polonia! Polonia! Quando a terra
Se revolver perdida — e o captiveiro,

Na ironia, calcar seu ferreo guante
Sobre a cerviz dos povos idiotas —
Quando tudo fôr vicio, infamia, lama;
Quando os labios humanos polluidos
E sem brio — dos despotas beijarem
As botas insolentes! Oh! Polonia!
O bardo, então irá, — pio romeiro —
Prantear no teu vasto cemiterio....
E lá beijando a poeira sacrosanta
Onde descances a viril cabeça,
Aos ventos dos Uraes que magem féros,
Dirá, co'a voz sumida entre soluços:

“ Das crenças nobres, o sepulchro é este!
“ Dormem aqui seu somno derradeiro
“ Da grande morte os grandes voluntarios
“ Da liberdade os Briareus tremendos! ”

PEDRO LUIZ.



Cont

Cornell University Library
PQ 9697.S7217V9

Os voluntarios da morte; canto epico.



3 1924 007 524 964 oia. v.2



